Ateliê Musicobiográfico: um estudo com pessoas idosas

Comunicação

GTE 04 - Educação Musical e Pesquisa (Auto)Biográfica

Lunara Pliny Cardoso
Universidade de Brasília
lunara.pliny@gmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta os resultados dos processos realizados no Ateliê Musicobiográfico 60+. A pesquisa concluída investigou as memórias musicais de cinco pessoas idosas, alunas de cursos de licenciatura em música da Universidade de Brasília. Fundamentado na teoria da tríplice mimese de Paul Ricoeur, o estudo articulou as playlists musicais de vida para a construção coletiva de um arranjo, culminando na gravação em estúdio das canções selecionadas e um podcast final com narrativas desta experiência. A partir da prefiguração (mimese 1), configuração (mimese 2) e refiguração (mimese 3), foram explorados aspectos afetivos, técnicos e relacionais que permeiam a ressignificação das memórias musicais em narrativas musicobiográficas. O trabalho conclui com reflexões sobre as potencialidades da musicobiografização como processo formativo e suas implicações para futuras práticas pedagógicas musicais com pessoas idosas.

Palavras-chave: Musicobiografização. Memória musical. Pessoas Idosas.

INTRODUÇÃO

Este trabalho, recorte de uma pesquisa de mestrado concluída, tem como objetivo apresentar e discutir o processo realizado no Ateliê Musicobiográfico, evidenciando seus procedimentos, dinâmicas e potencialidades na investigação das memórias musicais de pessoas idosas. A abordagem utilizada foi o dispositivo formativo denominado Ateliê Musicobiográfico, organizado a partir das “playlists de vida” (Torres 2017, 2020), dos cinco colaboradores da pesquisa. Esses colaboradores, estudantes do curso de licenciatura em música, se voluntariaram a participar deste processo investigativo-formativo. Para maior sustentação, este espaço formativo, integra o projeto de extensão intitulado A

musicobiografização na educação musical, que tem a mim como coordenadora das atividades do Ateliê Musicobiográfico na edição 2025.

Este estudo parte da premissa de que a música é uma linguagem capaz de guardar memórias, instaurando uma mediação entre passado, presente e futuro, entre o individual e o coletivo. Com base na tríplice mimese, proposta por Paul Ricoeur (2010) — que compreende a prefiguração como a experiência vivida e intuitiva, a configuração como a reordenação artística dessa experiência, e a refiguração como a ressignificação dessa configuração no momento do registro, busquei investigar como os procedimentos realizados no ateliê ativaram processos de criação, narração, produção, aprendizado e memória.

Inspirado no protocolo metodológico do ateliê biográfico de projetos proposto por Delory-Momberger (2006) e nas contribuições do ateliê musicobiográfico desenvolvido por Souza (2018) construído em diálogo com Delory-Momberger (2006), este trabalho tomou como ponto de partida a estrutura sugerida por esses autores, especialmente a vivência da escrita, leitura, partilha e reescrita de narrativas de vida e delineou um percurso próprio.

É a partir dessas abordagens teórico-metodológicas que se desenvolve o Ateliê Musicobiográfico 60+, que amplia as experiências do ateliê biográfico e musicobiográfico ao integrar práticas narrativas e musicais com recursos técnicos e expressivos contemporâneos, tais como gravações em estúdio, produção de podcast e registros audiovisuais.

No cerne deste processo está a elaboração das playlists musicais de vida, que servem de base para a narrativa musicobiográfica. A partir dessa curadoria pessoal, cada colaborador escolhe uma canção representativa de si, sua “música da vida”, que se torna o núcleo simbólico de um percurso criativo, técnico e artístico. Essa música é transformada em arranjo coletivo, construído colaborativamente, que culmina em ensaios, práticas de escuta, gravações em estúdio e apresentações performáticas. Ao longo do ateliê, integram-se ainda as narrativas escritas e orais, as devolutivas reflexivas e a produção de um podcast final, que documenta, dá visibilidade e celebra as trajetórias, as vozes e as memórias dos colaboradores.

O ateliê configura-se como um espaço de escuta, partilha e criação musicobiográfica, ao mesmo tempo em que se torna um potente dispositivo de formação musical, mobilizando diferentes dimensões da experiência musical: apreciação, análise, memória, expressão vocal, interpretação, arranjo, prática em conjunto, performance, mediação tecnológica, além de

outros dispositivos. Assim, o estudo contribui para ampliar a compreensão da musicobiografização ao evidenciar que ela possibilita a produção de diferentes saberes. No âmbito dos saberes musicais, favorece a escuta atenta, a afinação, o domínio de técnicas vocais básicas como respiração adequada, dicção das palavras, treino de letras em inglês com foco na pronúncia, além da interpretação, prática em conjunto e performance. No campo dos saberes estéticos, mobiliza a sensibilidade artística e a valorização da expressividade das músicas escolhidas; no plano dos saberes musicobiográficos, promove a reflexão sobre as próprias trajetórias de vida, ressignificando experiências por meio das narrativas musicais; e, em termos de saberes pedagógicos musicais, aponta caminhos metodológicos para que educadores utilizem as memórias musicais como recurso de ensino e aprendizagem.

RETRATOS DA MEMÓRIA: a tríplice mimese musical

No momento em que o projeto é apresentado e a encomenda da playlist é feita, inicia-se uma movimentação interna nos colaboradores: mesmo antes de entregar as músicas, já se desenham camadas de sentidos, uma nova prefiguração em curso. Quando essas músicas são finalmente reunidas e entregues, a playlist se configura como uma primeira camada de sentido organizada, pois reúne canções que já existiam no repertório emocional e experiencial dos colaboradores, que já haviam sido refiguradas por vivências anteriores. Ainda assim, ao serem compartilhadas no contexto do ateliê, essas músicas passam a operar uma nova abertura de sentido, uma prefiguração renovada, agora orientada pelo processo coletivo da musicobiografização. Assim, cada playlist, embora seja uma configuração em si, já carrega em sua estrutura as marcas de uma refiguração passada e, simultaneamente, o impulso de uma nova prefiguração, abrindo caminho para a configuração do arranjo. A própria playlist, nesse movimento, se transforma em significado — a camada de sentido inaugural do ateliê.

A partir dessas playlists, iniciou-se o procedimento do arranjo musical coletivo, intitulado Retratos da Memória. Nesse estágio, as canções deixaram de ser apenas registros individuais para se tornarem parte de um tecido narrativo comum, costurado em escuta, trocas e escolhas compartilhadas. O arranjo surge como uma tradução simbólica dessas memórias, mediado pela sensibilidade dos colaboradores e dos arranjadores.

A culminância desse percurso deu-se na gravação em estúdio, quando a música arranjada foi registrada. Essa gravação, longe de encerrar o processo, o expande: torna-se um produto que, ao mesmo tempo, carrega em si o processo vivido e o transcende.

Entretanto, no gesto de transformar esse registro em videoclipe, algo novo emerge, uma camada de sentido estética e poética. A obra audiovisual ganha autonomia, desprende-se de seus criadores, possibilitando ressignificar a musicobiografização e heterobiografização, que permanece inscrita nela, acessível à escuta sensível e intencional. Ela se torna, enfim, uma obra em si: aberta, navegante no tempo, sem dono. Passa a pertencer a quem escuta, a quem assiste, a quem se emociona.

O ARRANJO MUSICOBIOGRÁFICO: tecendo memórias em som e palavra

O arranjo musicobiográfico concebido neste estudo foi fruto de um processo artístico sensível e colaborativo, que uniu escuta, sensibilidade e criação coletiva. O arranjo é compreendido como uma prática criativa e funcional de reelaboração musical, envolvendo adaptação e transformação da obra original.

A partir das análises detalhadas das playlists pessoais de cada colaborador, pude perceber como determinadas canções carregavam, com delicadeza ou intensidade, fragmentos essenciais de suas histórias de vida. Após essa imersão, convidei cada colaborador a escolher a música que melhor os representasse — aquela que, por si só, pudesse traduzir sua memória afetiva em sonoridade.

No caso específico deste trabalho, o arranjo musicobiográfico foi elaborado contemplando as características formais de um arranjo convencional — tais como definição da forma musical, distribuição dos papéis instrumentais e vocais, tratamento da harmonia, organização rítmica, exploração de texturas e dinâmicas, além do equilíbrio entre fidelidade e transformação da obra original. O diferencial esteve no material de partida: a música escolhida por cada colaborador como resultado do processo musicobiográfico. A partir dessa escolha afetiva e identitária, entrelaçada com uma canção escolhida por mim, compusemos um arranjo coletivo que reúne melodias distintas, e narra, em sua tessitura, a história de cada um dos envolvidos. Trata-se, portanto, de uma obra que dá forma sonora às memórias musicais

dos colaboradores, uma narrativa musical compartilhada, onde a escuta do outro se traduz em sonoridade.

Com essas músicas em mãos, o primeiro passo foi definir as tonalidades que favorecessem a expressão vocal de cada colaborador. O arranjo foi tecido ao longo de quatro encontros, em um processo que articulou aspectos técnicos e vivências prazerosas, profundamente empolgante e envolvente, no qual a música se tornou ponte entre a pesquisa acadêmica e o afeto humano.

Um aspecto essencial do arranjo foi a cuidadosa seleção dos trechos das letras de cada canção, realizada por mim, pesquisadora. Escolhi versos que representavam a essência da memória individual de cada colaborador e que também estabeleciam pontes líricas com a música seguinte, permitindo que as obras dialogassem entre si. Assim, esses fragmentos se costuraram como estrofes de um único poema sonoro, em que cada palavra ganhava novo significado ao ser posta em relação com a que viria depois. Dessa forma, o arranjo transcendeu o simples encadeamento de músicas distintas, convertendo-se em uma narrativa contínua, uma canção única composta por vozes, histórias e afetos entrelaçados.

ENTRE ENSAIOS E AJUSTES: o caminho até o estúdio

Os ensaios foram capítulos preciosos deste percurso, quase como ensaios da própria vida, repletos de descobertas, risos, pequenas inseguranças e a alegria irrestrita de quem se permite viver o novo. Tivemos dois encontros preparatórios antes de ingressar no estúdio para a gravação final. Cada um deles foi fundamental para a lapidação técnica do arranjo e fortalecimento dos laços entre todos os que tornaram este projeto possível. Entre passagens de vozes, correções de letras, ajustes melódicos e rítmicos, sentimos brotar ali algo que ultrapassava o campo estrito do ensaio: era a tessitura do humano, o fio delicado que costura histórias passadas ao presente.

Com antecedência, os colaboradores receberam o arranjo cuidadosamente preparado: a partitura em PDF e um áudio guia, para que pudessem, em casa, exercitar suas vozes, fixar melodias, assimilar entradas e se acostumar com o entrelaçar das linhas vocais. Essa

antecipação foi importante para que, ao nos reunirmos, cada um trouxesse já o seu canto germinando por dentro, à espera de encontrar os outros para florescer conjuntamente.

No primeiro ensaio apresentamos aos colaboradores no primeiro momento a parte instrumental do arranjo. Em sequência, conduzi o grupo guiando entradas, cantando junto com cada colaborador, ajudando a costurar o tecido harmônico, verso por verso. Após passar a música coletivamente, a banda ajustou frases e transições, e eu trabalhei cada voz em separado, zelando pela clareza da letra, pela métrica precisa e, sobretudo, pela afinação. Ainda assim, neste dia, sentimos a falta de recursos técnicos: não tivemos microfones suficientes, o que dificultou especialmente a audição plena na música coletiva. Mesmo assim, o ambiente pulsava de entusiasmo. Eles cantaram, dançaram, sorriram e, ainda que por vezes a voz escorregasse do tom ou o ritmo vacilasse, o mais importante sempre foi visível: divertiam-se imensamente, experimentando algo novo, com a leveza de quem dança pela primeira vez.

No segundo ensaio o trabalho ganhou contornos mais refinados. Ali tivemos os cinco microfones com pedestais, todos os instrumentos devidamente ligados, e o som pôde ecoar com clareza, permitindo o ajuste minucioso dos detalhes. Repetimos entradas, corrigimos letras, repassamos cada voz isoladamente e gravamos trechos para que servissem como material de estudo posterior.

Foi um encontro intenso, mas também festivo: ao final, escolhemos juntos as roupas para a gravação, tiramos fotos para registrar cada instante e ainda compartilhamos um lanche, que levei para coroar o momento com sabor de convivência. Cada colaborador relatou através das suas narrativas orais que viveu esses ensaios de forma única, revelando nuances de sua personalidade que enriqueceram ainda mais o projeto. Ambos os ensaios foram integralmente gravados em áudio e vídeo, tanto para fins acadêmicos quanto para ensaios em casa e memória afetiva deste caminho trilhado. Não houve nenhum resquício de tensão: a atmosfera foi sempre luminosa, permeada por cumplicidade e alegria.

Tão viva foi essa experiência que, logo após o ensaio, uma das colaboradoras publicou fotos e vídeos em suas redes sociais, marcando o projeto e demonstrando, com palavras entusiasmadas, o quanto se sentia feliz. Ao longo dos ensaios, ajustes no arranjo também se

fizeram necessários, tanto para acolher as demandas técnicas quanto para manter a leveza e espontaneidade que eles imprimiam à experiência.

Assim, cada ensaio foi preparação técnica, celebração, descoberta e partilha — passos essenciais no caminho até o estúdio, onde as memórias ganhariam forma definitiva em som e imagem.

REGISTRO DAS MEMÓRIAS MUSICAIS: a gravação que se fez memória

O dia destinado à gravação em estúdio representou o coroamento de toda a trajetória até ali: o instante solene em que as memórias, afetos e histórias partilhadas ao longo do Ateliê Musicobiográfico finalmente seriam eternizadas em som, convertendo-se em testemunho vivo, capaz de atravessar o tempo e ressoar no amanhã. Sob o olhar sensível de Paul Ricoeur, este foi o tempo da refiguração (mimese 3) — o momento em que tudo aquilo que antes fora intuído, sonhado e contado pelos participantes (mimese 1) e pacientemente tecido nos encontros e ensaios coletivos (mimese 2), se corporificou em forma sonora, tornando-se objeto de memória, arte e identidade.

Ao chegarmos ao local, os músicos convidados que compuseram a banda ingressaram primeiro no estúdio para montar e plugar seus instrumentos. Em diálogo com o engenheiro de som, dono do estúdio, organizei a disposição espacial de forma que todos pudessem se ver com clareza e que o cinegrafista conseguisse capturar os melhores ângulos. Os cantores permaneceram alinhados em uma única parede; posicionei-me lateralmente ao teclado, para conduzir entradas, nuances e respirações; à frente ficaram o guitarrista, o baixista; e ao fundo, de frente para os cantores, estava o baterista, pulsando o tempo que nos unia. Pedi ainda que os microfones seguissem a ordem em que cada canção aparecia no arranjo, mas precisávamos adaptar porque um dos colaboradores, que também tocaria violão, necessitava ficar na extremidade.

Logo que chegaram, os colaboradores exploraram o estúdio com olhos iluminados de curiosidade e encanto e antes mesmo de ligarmos os microfones, fizemos uma breve sessão de fotos para eternizar aquele instante inaugural. Como a montagem e o balanceamento dos equipamentos demandaram tempo, aproveitei para reunir colaboradores e músicos em um

momento de bate-papo, um pequeno podcast informal, gravando pelo celular depoimentos sobre o que fora para eles participar do ateliê. Esse gesto rendeu um vídeo de mais de doze minutos — material espontâneo, rico para a pesquisa e sobretudo como memória afetiva para o resto da vida. Ali, na informalidade daquele sofá, eu via o processo de configuração (mimese 2) transbordar em relatos que já anunciavam o quanto tudo aquilo se tornaria memória ressignificada depois (mimese 3).

Enquanto o engenheiro de som finalizava os ajustes, tivemos também nosso momento de café, piadas, vídeos animados gravados pelas colaboradoras para as redes sociais, preenchendo o ambiente de calor humano. Foi nesse instante, entre goles de café e gargalhadas, que a arte se mostrou também convivência, amizade, gesto.

Quando o estúdio finalmente ficou pronto, a banda entrou para a passagem de som. Testamos cada instrumento, equilibramos volumes, ajustamos timbres nos fones. Em seguida, passei microfone por microfone para deixar tudo pronto, garantindo que, ao colocarem seus fones, os cantores já estivessem ambientados.

Então, partimos para o primeiro *take*. A minha proposta era gravar tudo junto — banda e vozes — como em um recital, capturando o melhor *take* possível. O primeiro foi surpreendentemente bom, animando todos. Ainda assim, notei certa timidez de alguns quando o cinegrafista se aproximava para os *closes*. Dei então o conselho: “não olhem para a câmera, divirtam-se como se ninguém os estivesse filmando.”

Gravamos o segundo *take*, que paradoxalmente trouxe mais deslizes que o primeiro. Paramos, corrigimos pequenos erros rítmicos, revisitamos trechos. No terceiro *take*, o resultado foi simplesmente maravilhoso. O mais encantador foi perceber que, mesmo em pé há horas, ninguém quis sentar ou pausar; todos estavam vibrantes, com energia alta, muito mais dispostos que eu mesma, já levemente cansada. O quarto *take* veio carregado desse entusiasmo coletivo.

Em seguida, sentamos no sofá do estúdio, copos de água em mãos, para ouvir o resultado. O áudio nem sequer estava mixado ou masterizado, mas a emoção foi imediata. Optamos unanimemente pelo terceiro *take* como o melhor registro instrumental.

A banda então foi dispensada e permaneci com os cantores para gravarmos novamente as vozes sobre o instrumental escolhido. Foi um momento quase íntimo: pude

regê-los de perto, guiando entradas e respirações por gestos e mímicas, sem o teclado a intermediar. Gravamos dois *takes* adicionais de vozes, conquistando ainda mais segurança e clareza.

Ao final, entreguei a cada colaborador a partitura impressa do arranjo, junto a uma fotografia do grupo emoldurada e o videoclipe com toda a produção final. Creio que tais gestos sejam mais do que simples lembranças: são fragmentos simbólicos que — no espírito da mimese 3 — integrarão suas futuras memórias musicais, renovando o ciclo de recordações que faz da vida um contínuo recontar de si.

Assim, ao findar este percurso, percebo o que Paul Ricoeur tão belamente nos revela: que narrar — seja por palavras, seja por sons — é um modo de dar forma ao tempo vivido. Cada etapa desse projeto, desde o primeiro aceno de curiosidade dos colaboradores até o instante em que repousaram no sofá do estúdio para ouvir suas próprias vozes, constituiu uma travessia pela mimese: da prefiguração do desejo de contar suas memórias (mimese 1), à configuração artística que se materializou nos arranjos, ensaios e gravações (mimese 2), culminando enfim na refiguração (mimese 3), quando tudo isso se consolidou em nova realidade estética e afetiva — vivida, compartilhada, inscrevendo-se no tempo como memória transbordante. E é nesse entrelaçar de narrativas, afetos e sons que a existência se reinventa, abrindo-se ao porvir com a delicada promessa de que a música continuará a nos contar uns aos outros — e a nós mesmos — por muitos e muitos amanhãs.

Ao realizar uma retrospectiva de todo o percurso desta pesquisa, torna-se evidente que, em cada etapa do processo, a tríplice mimese composta por prefiguração, configuração e refiguração, esteve presente, entrelaçando-se com as experiências dos colaboradores e com as escolhas metodológicas aqui presentes. A cada movimento, novas camadas de sentido foram sendo mobilizadas e reveladas.

Na primeira etapa, a construção da playlist musical de vida, os colaboradores foram convidados a acessar suas memórias musicais, resgatando lembranças marcadas por significados afetivos, sociais e existenciais. Esse momento representou uma camada de sentido relacionada à prefiguração, pois os colaboradores voltaram-se para si mesmos e para suas trajetórias de vida, selecionando, organizando e atribuindo sentido às músicas que seriam compartilhadas. Houve, aqui, uma elaboração consciente do vivido, considerando o

que deveria ou não compor a narrativa pública da playlist, o que já configura um movimento interpretativo e reflexivo sobre o próprio passado.

Na segunda etapa, voltada à criação e ensaio do arranjo musicobiográfico, observou-se a transição para uma nova camada de sentido. Nesta fase, a configuração se deu como um deslocamento do universo da experiência vivida para o domínio dos saberes musicais. Harmonia, afinação, dicção, métrica, ritmo, dinâmica, prática de conjunto e escuta ativa foram saberes essenciais mobilizados. O arranjo, enquanto prática coletiva, possibilitou a articulação entre as memórias evocadas e a materialidade sonora, permitindo que a narrativa musicobiográfica ganhasse forma musical.

A terceira etapa, correspondente à gravação em estúdio e à realização do videoclipe, constituiu uma nova refiguração. Nessa fase, os colaboradores precisaram se adaptar às exigências técnicas do ambiente profissional de gravação, como a posição específica que ficariam, o uso dos fones de ouvido, a escuta de si e do outro, o alinhamento com a banda, a atenção à marcação e à rítmica, além da convivência com a minha regência musical. No registro audiovisual, enfrentaram o desafio da presença diante das câmeras, aprendendo a se concentrar, relaxar e se expressar corporalmente em um ambiente que lhes era novo. Esses desafios implicaram o desenvolvimento de competências técnicas, musicais, interpessoais e performáticas. Assim, os saberes mobilizados e desenvolvidos abrangeram tanto aspectos musicais quanto aspectos subjetivos e relacionais, compondo uma aprendizagem situada, coletiva e sensível.

Ademais, todo esse percurso também provocou em mim, enquanto pesquisadora, musicista e arranjadora, um constante exercício de prefiguração, configuração e refiguração. O contato com as narrativas dos colaboradores, a escuta das músicas que compunham suas memórias, o processo criativo do arranjo e a vivência no estúdio exigiram de mim a construção contínua de novas compreensões sobre o outro, sobre o processo musical coletivo e sobre minha própria prática artística e investigativa. Essa reflexividade, que atravessa o fazer acadêmico e artístico, representa a reflexividade biográfica, na qual o pesquisador observa e também é transformado pela pesquisa.

O que foi apreendido, e o que permanece em aberto, revela que a musicobiografização não se encerra com o fim do projeto. A continuidade do processo formativo-musical

desenvolvido neste estudo pode se dar por meio da criação de momentos específicos de aprofundamento técnico, especialmente voltados às dificuldades observadas durante as etapas práticas, como afinação e rítmica. A realização de ensaios separados, com foco em treinamentos pontuais, pode representar um avanço importante. Por exemplo, no caso da canção trabalhada em inglês, seria pertinente oferecer apoio direcionado ao idioma, mesmo que os colaboradores tenham inicialmente demonstrado familiaridade com a língua. O acompanhamento mais individualizado, passando frase por frase, oferecendo dicas de aquecimento vocal, trabalhando aspectos de performance de palco, poderia contribuir significativamente para o desenvolvimento da confiança e da expressividade dos colaboradores durante a gravação.

Entretanto, é importante destacar que o propósito central do ateliê não foi o de formar músicos técnicos, mas sim proporcionar um espaço de escuta, expressão e reflexão, em um processo pautado pelo respeito ao tempo e às experiências de cada colaborador. A opção metodológica foi permitir que o processo ocorresse de forma fluida e espontânea, sem excessiva correção técnica, preservando a autenticidade das memórias evocadas e das performances registradas. Essa escolha, fundamentada em uma perspectiva sensível e musicobiográfica, valoriza a trajetória de vida em sua totalidade.

Para projetos futuros, especialmente considerando a abertura do ateliê ao público 60+, a proposta de continuidade visa contemplar oficinas complementares de musicalização, práticas de grupo e vivências de escuta, sem perder de vista o objetivo maior: narrar musicobiograficamente a vida. Nesse sentido, o desenvolvimento musical ocorre como consequência do engajamento afetivo, da escuta mútua e da valorização das experiências de vida, reforçando a ideia de que aprender música também pode ser um ato de rememoração, de cuidado e de construção coletiva de sentido.

Link da gravação em estúdio: https://www.youtube.com/watch?v=L3JaMbBcwTQ

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este percurso, percebe-se que a musicobiografização transcende o ato de cantar ou tocar uma música; trata-se de uma imersão profunda na memória e na identidade, um processo que conecta passado, presente e futuro por meio da arte sonora. A tríplice mimese de Ricoeur (2010) provê um arcabouço teórico potente para compreender os múltiplos níveis de construção e reconstrução das memórias musicais, evidenciando como cada etapa do projeto — desde a seleção das canções até a gravação final — representa uma camada de sentido que se sobrepõe e se entrelaça, formando um tecido narrativo rico e multifacetado.

O trabalho coletivo, entrelaçando os saberes técnicos musicais, as vivências afetivas e a expressão autobiográfica, revela que a música pode ser um território privilegiado para o encontro entre ciência, arte e humanidade. A generosidade dos colaboradores, a cumplicidade entre músicos e a escuta atenta da pesquisadora foram ingredientes fundamentais para que o processo assumisse uma dimensão formativa, inclusiva e transformadora, o que revela a "dimensão do cuidado", no conceito da musicobiografização (Abreu, Souza e Araujo, 2025).

É importante destacar que a dimensão formativa do ateliê não se restringe ao domínio técnico da música, mas se revela sobretudo na valorização da experiência de vida, no respeito aos tempos e aos modos singulares de cada colaborador, e na construção coletiva de sentido. Essa perspectiva amplia o horizonte das práticas musicais educativas, apontando para uma pedagogia sensível, que integra a técnica à emoção, a memória à criação, o indivíduo ao grupo.

A continuidade do projeto, com a oferta de oficinas complementares que atendam às necessidades técnicas identificadas, sem perder de vista o princípio da espontaneidade e da autenticidade, pode potencializar o desenvolvimento musical e a autoestima dos colaboradores. Além disso, a documentação audiovisual e a produção compartilhada de materiais servem como patrimônio afetivo e cultural, ampliando o alcance da musicobiografização.

Por fim, este estudo reforça que a música, como forma simbólica e narrativa, tem o poder de eternizar memórias, acolher histórias e promover o reencontro consigo e com o outro. Nesse processo, tanto os colaboradores quanto a pesquisadora são transformados, reafirmando a música como uma linguagem viva, em constante renovação, que nos conta — e reconecta — por meio do tempo, do espaço e da emoção.

Referências

ABREU, Delmary Vasconcelos; SOUZA, Hugo Leonardo Guimarães; ARAUJO, Gustavo Aguiar Malafaia de. *Três dimensões da musicobiografização:* um estudo com relatos de experiências de práticas musicais automediais. Revista Orfeu, v.10, n.2, 2025.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *Formação e socialização:* os ateliês biográficos de projeto. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.2, p. 359-371, maio/ago. 2006.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa:* Tomo I. Tradução Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papirus, 2010.

SOUZA, Hugo Leonardo Guimarães. *O ateliê musicobiográfico como projeto formativo:* um estudo com estudantes do Instituto Federal de Brasília – Campus Ceilândia. 2018. Dissertação (Mestrado em Música), Departamento de Música, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

TORRES, Maria Cecília Araújo Rodrigues. *Playlists em tempos de pandemia da covid19:* narrativas de educadores e educadoras musicais integrantes de um grupo de estudos. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, Salvador, v. 05, n. 16: 1595-1613, Edição Especial, 2020.

TORRES, Maria Cecília Araújo Rodrigues. *Narrativas dos movimentos de uma tese:* apresentar as entrevistadas e narrar o narrado. Uberlândia: Revista Ouvirouver, 2017. v. 13 n. 2 p. 644-657.